

“HÁ BASTANTE TEMPO QUE TE NÃO ESCREVO.
MAS NÃO SEI A RAZÃO”
NOTAS ACERCA DA ESCRITA COMO ENVIO
EM VERGÍLIO FERREIRA E JACQUES DERRIDA

JOÃO TIAGO LIMA
Universidade de Évora
Centro de Investigação
em Ciência Política (CICP)

I

Caracterizado muitas vezes e talvez injustamente por ser um escritor que publicou sobretudo *romances de ideias*, expressão que não deixa de ser equívoca (no limite: haverá romances que não sejam de ideias?), é indiscutível que a obra de Vergílio Ferreira, nas suas múltiplas dimensões, *transita* frequentemente entre os territórios que a tradição definiu como literatura e como filosofia. Também por isso é habitual associar-se alguns dos seus romances, nomeadamente aquele que tem por cenário a cidade de Évora (*Aparição*, 1959), à fenomenologia existencialista de Jean-Paul Sartre. Essa *colagem* merece, ainda assim, ser questionada. Até porque, noutros passos da sua obra (por exemplo, em páginas do chamado *Diário Inédito*, escritas precisamente em Évora entre 1944 e 1949), Vergílio discute, longa e pertinentemente, algumas das teses mais importantes do autor de *L'Être et le Néant* (DI: 128-138).

Contudo, a designação *existencialista* parece, no caso de Vergílio, ter vindo para ficar, como se fosse uma forma útil de ler os romances do escritor. Não digo que o não seja, mas penso que está longe de ser a única e, do meu ponto de vista, não é porventura sequer a melhor chave

de leitura, sobretudo se nos referirmos aos romances publicados depois de *Signo Sinal*, por exemplo¹.

Como o próprio Vergílio Ferreira, diz em entrevista bem conhecida:

As minhas relações com o existencialismo já vêm de longa data. O meu primeiro livro [*O Caminho Fica Longe*], escrito (...) quando eu ignorava tal corrente, tem já que ver com essa doutrina (...). E no entanto, dizer-me “existencialista” não me agrada, por mil razões, entre elas a de que tal denominação pode englobar alguns aspectos que me não dizem respeito. Fundamentalmente, o que no existencialismo me interessa é o meu interesse pelo homem-problema e o que num domínio profundo se exprime pela interrogação. Confessarei assim que um Sartre, sendo dos autores que muito *admiro*, não é dos que mais me *impressionam*. À sua arte prefiro de longe a de um [André] Malraux e à sua filosofia prefiro a de um [Karl] Jaspers, que como “filosofia” lhe é talvez inferior, mas que lhe é sem dúvida superior como voz de profundidade ou simplesmente voz humana (UEA: 172).

No entanto, a manifestação destas reservas não significa, em rigor, uma renúncia completa à atmosfera existencialista. Tão pouco a substituição dessa problemática existencial por um outro horizonte conceptual. Por isso, na mesma entrevista, à pergunta sobre se ainda

¹ Neste esboço de periodização, não estou especialmente interessado em fazer juízos de valor. A obra de Vergílio Ferreira é muito vasta e heterogénea em todas as suas *fases*. No entanto, é preciso registar que, se os últimos romances do escritor são muitas vezes considerados como os mais importantes, a verdade é que esta tese não colhe uma aprovação unânime. Em nota crítica bastante recente, Eduardo Pitta parece associar o que considera ser um declínio da dimensão romanesca de Vergílio ao aparecimento de *Conta-Corrente* cuja importância, pelo contrário, valoriza: “Os seus oito volumes, milhares de páginas escritas contra o *establishment*, constituem a mais incisiva radiografia do *milieu* literário e, por arresto, do atavismo do país. É interessante notar que o diário surge (1980) no momento em que a ficção de Vergílio inflecte, fazendo pontaria ao eco do jornalismo cultural. Não admira que livros como *Para Sempre* (1983) e a sequência *Cartas a Sandra* (1996) estejam na origem da vacuidade daquilo que passa por ficção “nova”(Pitta: 32)”. Não estou de acordo com esta crítica e penso, de resto, como espero mostrar adiante, que a própria experiência da publicação do diário não pode ser dissociada de um importante diálogo que Vergílio vai mantendo com leitores e até com críticos, diálogo esse que, do meu ponto de vista, será benéfico para a escrita dos romances que Vergílio vai escrevendo e publicando nesta última fase do seu percurso como romancista. Também por isso me parece francamente desajustada a leitura de que o escritor faria qualquer espécie de “pontaria ao eco do jornalismo cultural”.

se sente próximo da “filosofia existencialista”, Vergílio responde do seguinte modo:

Sinto-me próximo e creio que o não deixarei de estar. De resto, tenho tomado sempre como ponto de referência a filosofia existencialista, não obstante os movimentos da filosofia que surgiram depois, como o Estruturalismo, embora tenhamos de discutir se o Estruturalismo é ou não filosofia, dado que não existe, ou é duvidoso que exista, uma obra especificamente filosófica ligada ao Estruturalismo, a não ser uma ou outra como a de um [Jacques] Derrida que eu considero, aliás, de alta filosofia (UEA: 173).

Julgo especialmente significativo que Vergílio Ferreira mencione, neste contexto, a filosofia de Derrida (que classifica como *alta filosofia*), mesmo que as relações entre o autor de *La Dissémination* e o estruturalismo sejam bastante mais problemáticas do que parecem à primeira vista. Um pequeno apontamento histórico ajuda-nos a perceber isso mesmo. De facto, em Outubro de 1966, Jacques Derrida participa com importantes nomes da cultura e da ciência francesa da época (entre outros: Jacques Lacan, Roland Barthes, Lucien Goldmann, Jean Hyppolite e Jean-Pierre Vernant) num colóquio realizado na Johns Hopkins University em Baltimore (USA). Para este assunto, interessa-me especialmente destacar Lacan (psicanálise) e Barthes (linguística e literatura), pois são dois autores que nos habituámos a associar ao estruturalismo. Registe-se que “se o estruturalismo era, por esses anos, uma grande moda em Paris, ele era ainda perfeitamente desconhecido nos Estados Unidos” (Peeters: 209). Ao convidar Lacan e Barthes para um colóquio subordinado ao título *The Languages of Criticism and the Sciences of Man*, os organizadores do evento tinham decerto a intenção de apresentar o *estruturalismo* ao público universitário norte-americano. A comunicação apresentada por Derrida não fugiu ao tema do congresso, mesmo se o facto de apresentar um tom algo dissonante tenha suscitado uma certa controvérsia. David Carrol, um jovem estudante recém-chegado à Johns Hopkins University, confessará anos mais tarde:

Estávamos prestes a descobrir o que era o estruturalismo e eis que ele [Derrida] punha em causa tudo aquilo que começávamos a aprender. Percebi de imediato que se tratava de um acontecimento” (*Ibidem*: 210-211).

Ou seja, num mesmo lance, a comunidade acadêmica de Baltimore não só *conhecia* o estruturalismo, mas também – e simultaneamente – o que muitos vieram, bastante mais tarde, a chamar pós-estruturalismo ou neo-estruturalismo, embora seja necessário alertar, desde já, para o carácter problemático destas duas últimas expressões. Inicia-se assim, nos Estados Unidos, esta difícil relação entre o estruturalismo e Derrida que, num primeiro momento (mas esse primeiro momento define-se a partir de um outro momento antecedente), é, desde logo, problemática ou até aporética.

Este excursus sobre as relações entre Derrida e o estruturalismo, julgo-o necessário, porque a relação que os escritos de Vergílio Ferreira têm com o filósofo francês não é, com certeza, de circunstância². Aliás, deve-se a Vergílio aquela que é, seguramente, uma das primeiras tentativas de traduzir para a língua portuguesa a famosa expressão cunhada por Derrida: *différance*. Tal sucede no ensaio “No limiar da palavra pensamento”, publicado pela primeira vez no n.º 54 da *Colóquio-Revista de artes e letras* em Junho de 1969 e, mais tarde, incluído, com pequeníssimas alterações, no segundo volume de *Espaço do Invisível*. A tradução para *différance* proposta por Vergílio Ferreira é a seguinte:

Traduzamo-la por “diferenciação”, apenas para facilitar este escrito, uma vez que este termo implica a ideia activa, causal do “diferenciar”; e a *différance* implica a ideia de um como que autodiferenciar-se, um realizar-se original como “diferença” (EI2: 82-83).

No presente texto viso pôr em diálogo a experiência da escrita de Vergílio Ferreira – designadamente a que veio a conduzir a três livros que estão, num certo sentido, intimamente vinculados entre si (*Para Sempre* de 1983, *Em Nome da Terra* de 1990 e *Cartas para Sandra*, publicado já postumamente em 1996) – com a matriz teórica derridiana, designadamente com a sua noção de escrita, vista, desde os

² Na sequência do prefácio que Vergílio Ferreira redigiu para a edição portuguesa de *As Palavras e as Coisas* de Michel Foucault, Eduardo Prado Coelho desfez, em Abril de 1968, no Suplemento Literário do *Diário de Lisboa*, uma violenta crítica ao autor de *Aparição*, que, por seu turno, responderá num tom também ele bastante impetuoso. Não cabe aqui reconstituir esta famosa polémica, que durou várias semanas e em que são focados, entre outros temas, as relações entre Heidegger e ... Derrida, que, segundo o então muito jovem Eduardo Prado Coelho, “Vergílio Ferreira lê mal”.

seus primeiros textos, enquanto diferimento *essencial* da presença. Com feito, já em “Assinatura, acontecimento, contexto”, por exemplo, encontramos esta a tese segundo a qual:

o signo escrito, no sentido corrente deste termo, é, portanto, uma marca que permanece, que não se esgota no presente da sua inscrição e que pode dar lugar a uma iteração na ausência e para além da presença do sujeito empiricamente determinado que, num contexto dado, emitiu ou produziu (Derrida, 1972: 377).

A aproximação da escrita com esta experiência iterativa – que, aliás, é indissociável do que está em jogo na intraduzibilidade de *différance*³ – percorre, mais ou menos subterraneamente, todo trabalho teórico de Derrida. Segundo o filósofo francês,

uma escrita que não fosse estruturalmente legível – iterável – para além da morte do seu destinatário não seria uma escrita. (...) Toda a escrita deve pois, para ser o que é, funcionar na ausência radical de qualquer destinatário empiricamente determinado (*Ibidem*: 375).

Ora, talvez seja em *La Carte Postale – de Socrate à Freud et au-delà* (1980), obra ímpar no trajecto de Derrida, em que se mesclam o diário e a ficção, a teoria e o género epistolar, que essa experiência da escrita como *différance*, ou seja, como diferimento da presença (quer de quem escreve, quer do destinatário) e, por conseguinte, como essencial iterabilidade, atinja o seu momento culminante. Daí que me pareça justo e pertinente conceder-lhe uma importância especial, o que farei na terceira parte desta reflexão. Para já, centrarei a atenção no modo como Vergílio Ferreira prepara a escrita e a publicação de *Cartas a Sandra*.

II

E de repente, diante de uma plateia de adolescentes de um liceu de Bordéus, Vergílio Ferreira fala de Sandra, a personagem (...) [de

³ Sobre o problema da tradução em Derrida e especificamente sobre o tema da (im)possibilidade da tradução de *différance*, Cf. Lima (2002).

Para Sempre], que vem de um amor excessivo e desastrado perante uma colega de estudos que morreu aos vinte e três anos, amor distante e obstinado, que Vergílio evoca, e uma adolescente passa aos nossos olhos, suspensa no limite da vida pela escrita de algumas páginas admiráveis (Coelho, 1992: 32).

Este trecho faz parte, evidentemente, de um relato e pertence a um livro admirável a vários títulos. A começar pelo título propriamente dito: *Tudo o que não escrevi* de Eduardo Prado Coelho⁴. Nesta obra, Eduardo Prado Coelho ensaia um género muito caro a Vergílio Ferreira: o diário. O relato – datado da seguinte maneira: “Bordéus – 22.9.91” – foi escrito, sem dúvida, por quem testemunhou uma cena bem determinada. Mas, em rigor, importa perguntar: trata-se de uma ou de duas cenas? É que o texto evoca, pelo menos, duas situações ou acontecimentos. A primeira situação, quase imediatamente reconhecível, é aquela em que o personagem Vergílio Ferreira, escritor português, fala aos jovens liceais franceses acerca de uma personagem que, se neste caso é inteiramente possível falar assim, ele mesmo inventou. Mas convém não menosprezar a segunda cena. Trata-se da situação em que “uma adolescente passa aos nossos olhos”. Ou seja, quando observa Vergílio a falar, Eduardo Prado Coelho passa a *ver* também uma adolescente que, por sua vez, passa “suspensa no limite da vida pela escrita de algumas páginas admiráveis”.

Pouco depois de Vergílio Ferreira morrer, Eduardo Prado Coelho voltará àquela tarde quente de Bordéus num texto que aparece, em primeiro lugar, no jornal *Público* e que será, posteriormente, incluído no livro *O Cálculo das Sombras*. Na revisitação dos episódios, creio que se juntam, à memória de Eduardo Prado Coelho, também elementos do relato que, em *Conta-Corrente*, o próprio Vergílio Ferreira faz da sessão

⁴ Neste título, como em muitos outros aspectos da obra de Eduardo Prado Coelho, a marca da filosofia de Jacques Derrida é também iniludível. Por exemplo, veja-se este passo de uma entrevista famosa: “Tudo o que foi publicado sob a forma de recolha de textos, ou até *Glas* ou *La Carte Postale*, mesmo estes dois livros, não foi concebido primeiramente como livro. Projecto de livro tenho apenas um, aquele que nunca escreverei, mas que orienta, atrai, seduz tudo o que leio” (Derrida, 1992: 151).

com os estudantes franceses⁵. No entanto, o que mais me impressiona neste segundo relato é o modo como Eduardo Prado Coelho parece agora ouvir Vergílio a falar de Sandra: “(...) e falou de Sandra. A Sandra dos seus livros, a Sandra que existiu e deixou de existir, a Sandra que continuou a existir nas dobras dos seus textos” (Coelho, 1997: 233-234).

Este mesmo segundo texto de Eduardo Prado Coelho oferece-nos, ainda e quase logo depois, uma importante revelação.

Foi aí [em Bordéus, justamente] que [Vergílio] disse: “Gostava ainda de escrever um livro que fosse feito de cartas a Sandra.” Pensei: todos os livros o são, mas raros o dizem. A grande diferença estará em dizê-lo. Dizê-lo no silêncio todo que apenas um nome próprio sustenta – porque é próprio dele calar o que diz. E pedi-lhe, com aquele jeito distraído de quem de passagem se lembrou de qualquer coisa sem importância: gostava muito que escrevesse esse livro (*Ibidem*: 234-235)⁶.

⁵ “E, de tarde, colóquio (de hora e meia) no liceu [em Bordéus] para uma turma de alunos de português. Perguntas inteligentes (orientadas pela professora?) e na língua que aprendiam. Exulte de contentamento porque ia enfim desapertar o colete do francês. Mas a professora, quando pus a hipótese de me aporuguesar, informou-me que havia vários professores que desejavam conhecer-me e eu teria portanto de me aperrear outra vez ao colete. Sempre calor de fomalha. Larguei o casaco, arregacei as mangas da camisa, afrouxei a gravata. E lá me aguentei como pude. Autógrafos em chusma como se eu fosse um futebolista ou a diva Amália” (CCNS3: 212-213). O texto tem esta data: “25 – Setembro (quarta)”, mas, pela sua leitura completa, conclui-se que a sessão no liceu decorreu mesmo no dia 21, no âmbito de umas jornadas dedicadas a Vergílio Ferreira e organizadas por Sylvianne Sambor na cidade de Montaigne e na qual participaram também, confirma-o o próprio diário vergiliano, Robert Bréchon, Eduardo Lourenço e ... Eduardo Prado Coelho. Na nova versão dos acontecimentos feita por Eduardo Prado Coelho, há uma espécie de contaminação entre os dois relatos. Com efeito, surgem aqui novos elementos que estão já na cena de Vergílio, mas não estavam ainda na primeira cena de Eduardo, a saber:

- a) “uma tarde de sol e calor intenso”;
- b) “os professores tinham preparado a sessão, e alguns dos alunos tinham o recado engatilhado”;
- c) “Vergílio Ferreira arregaçou as mangas”;
- d) “E era assim na tarde de Bordéus, um corpo a espreguiçar-se antes da corrida, e de repente o atleta em campo, implantado a pé juntos na sua própria evidência solar” (Coelho, 1997: 232-233).

Como se pode ver, o calor, a impressão de que as perguntas dos alunos não eram absolutamente espontâneas e o arregaçar das mangas parecem derivar agora da leitura que Eduardo Prado Coelho fez da narrativa que Vergílio, por sua vez, fizera da sessão em que ele próprio falou aos estudantes de Bordéus. A própria analogia do conferencista com o atleta talvez radique, subliminarmente, na imagem do *false* futebolista que dava uma chusma de autógrafos, mas sobre isto nada poderei dizer com certeza absoluta.

⁶ A “Carta a Sandra” foi publicada em Outubro de 1994 na revista *Colóquio-Letras*, n.º 134, pp. 25-28 e, com escassas alterações de pormenor, será o primeiro capítulo do livro homónimo publicado postumamente em 1996.

Encontram-se na sequência deste ensaio de Eduardo Prado Coelho, bem como no quarto e último volume da nova série de *Conta-Corrente*, e até em textos de vários estudiosos sobre esta fase da obra romanesca de Vergílio, muitos elementos que nos ajudam a fazer uma *crítica genética* ao livro *Cartas a Sandra*. É possível, por isso, investigar o processo – nunca isento de dúvidas, de entusiasmos e de hesitações – de escrita destas *Cartas* e até as relações (aliás, sempre muito problemáticas de desenhar) entre “pessoas reais” e “personagens vergilianas”. Não vou fazer agora o levantamento – que, aliás, julgo que permanecerá sempre inacabado – dessa teia de relações. Ainda assim, assinalo dois exemplos, apenas, extraídos do referido volume de *Conta-Corrente*.

Com a data de 3 de Novembro de 1992, pode ler-se o seguinte:

A [escultora] Dorita Castel-Branco leu *Para Sempre*. E disse-me.
– Que antipática a Sandra.

Fiquei corado na alma e a remoer o porquê da antipatia. A ver se lhe pergunto (CCNS4: 212).

Em *Cartas a Sandra*, a cena reaparece ou, talvez melhor, recria-se no terceiro capítulo, ou seja, na terceira carta.

Acreditas que uma artista amiga, quando acabou de a ler [a história que de nós contei em *Para Sempre*], me disse que antipática a Sandra? E eu nada soube responder porque tudo fora da minha impossibilidade de te dizer (CS: 67).

Ou seja, há como que uma reapropriação do perplexo desapontamento sentido por Vergílio (*fiquei corado na alma e a remoer o porquê*) – e suscitado pelo facto de a personagem Sandra ser, para uma leitora amiga do autor, *antipática* –, por parte do personagem Paulo que se lamenta, precisamente junto de Sandra (mas talvez seja neste *junto de Sandra* que resida a verdadeira questão), da impossibilidade de Vergílio/ /Paulo escrever a história de ambos. Por outras palavras, tudo se passa como se *Para Sempre* não fizesse justiça a Sandra, mas fosse, isso sim, a expressão da inutilidade das cartas que tinham esta como destinatária.

Um outro exemplo *sucede* no dia imediatamente anterior, isto é, a 2 de novembro de 1992, data da seguinte entrada deste último volume de *Conta-Corrente*:

Desculpem o atraso. Tenho estado estes dias todos com Sandra. Escrever a carta. Copiá-la e ir fazendo emendas. Vê-la várias vezes e ir emendando outra vez. Que coisa difícil uma carta de amor. Nós é que não imaginávamos quando as escrevíamos. Era coisa entre dois, valia tudo. Mas agora é entre Paulo e os leitores e eu a aguentar com o carrego (CCNS4: 208).

O destinatário desta espécie de confissão parece ser, desta vez, o leitor do diário. Ou melhor, os leitores. Como se Vergílio estivesse a falar agora para uma assembleia (ainda os estudantes adolescentes de Bordéus, por exemplo) e sentisse uma espécie de remorso por não dar notícias: “Desculpem o atraso”. Mas, ao mesmo tempo, existe uma esplêndida justificação para essa ausência: “Tenho estado estes dias todos com Sandra”. Os leitores de *Conta-Corrente*, que têm seguido as peripécias da difícil relação (“Que coisa difícil uma carta de amor”) entre Vergílio-Paulo-Sandra, decerto desculparão o silêncio do escritor, pois, nessa *ausência*, também se escreve de alguma maneira a impossibilidade de dizer Sandra. “Nós é que não imaginávamos quando as escrevíamos. Era coisa entre dois, valia tudo”. Valia tudo. Até mesmo não escrever cartas nenhuma. Ou então rasgá-las, como Paulo acabará por revelar muito mais tarde:

Deves talvez lembrar-te de que nunca me escreveste. Mas eu escrevi-te algumas vezes quando vinha a férias e a emoção era de mais. E um dia perguntei-te se tinhas guardado essas cartas. Tu olhaste-me com o teu sorriso breve e repreensivo. Rasguei-as, naturalmente, disseste, e porque havia de guardá-las? Gostava de as reler, de as ter, disse eu. Para recuperar o que fui nelas e o que houve nelas de ti. Que tolice, disseste ainda, a adolescência passou (CS: 35-36).

Podemos radicar a incerteza da (legitimidade da) escrita e da publicação de *Cartas a Sandra*, correndo o risco de assim cair num psicologismo algo simplista, no que Eduardo Prado Coelho chama “necessidade de reconhecimento que Vergílio tinha” (Coelho, 1997: 235) ou na “importância desmesurada” (*Ibidem*: 243) que este deu aos críticos. Por isso, ganha uma especial importância a carta que, na sequência da leitura que faz do livro *Cartas a Sandra*, o próprio Eduardo Prado Coelho endereça a Vergílio, mas, como se compreende (Vergílio morrera entretanto), esse é uma espécie de endereço impossível. Ou, pelo menos, equivocado.

Talvez esta carta pós-fácio a *Cartas a Sandra*, apesar de começar com um “Meu caro Vergílio” (*Ibidem*: 242) tenha por destinatário os outros críticos. Ou, quem sabe, a própria Sandra, suspensa no limite da vida pela escrita:

E a gente sabe. Nenhum livro seu é tão adolescente como este, tão perto das primeiras palavras, tão encostado à maravilha e ao choro. Lembramo-nos assim das paixões aéreas que nos transportavam, no amor do amor, e apenas isso, no amor da vida que é sempre esse amor do amor, e como elas tinham um nome, e como esse nome nós o repetíamos antes de adormecer até que ele nos atravessasse o lado de dentro do sonho. Chamamos-lhe um nome próprio, e porquê? Porque o supomos apropriado a algo que julgamos único. Mas o único resvala tão depressa para ser o vulgar de todas as coisas (*Ibidem*: 244).

III

Leio uma outra carta ou, mais exactamente, um fragmento de uma outra carta:

e quando te chamo meu amor, meu amor, é a ti que chamo ou ao meu amor? Tu, meu amor, é a ti que dou este nome, é a ti a que me dirijo? Não sei se a questão está bem formulada, tenho medo dela. Mas estou seguro de que a resposta, se por acaso um dia ela me chegar, virá de ti. De ti apenas, meu amor, apenas tu o terás sabido (Derrida, 1980: 11).

Quem escreve esta carta? A quem se dirige ela? Cito-a traduzindo – mas como não perceber que citar já é sempre um modo de traduzir? – de um dos mais estranhos e mais belos livros de Jacques Derrida, *La Carte Postale – de Socrate à Freud et au-delà*.

Como traduzir, desde logo, o título *La Carte Postale*? Bilhete-postal? Cartão-postal? Postal? É que os postais, tal como as cartas aliás, caíram lamentavelmente em desuso e hoje torna-se, por isso, quase necessário reconstituir a evidência material que, no século passado, os postais exibiam. Trata-se de um pequeno cartão rectangular, destinado a circular, através do serviço de correios, sem envelope. Uma das faces do postal mostra o endereço do destinatário, o selo e a mensagem do remetente. A outra face apresenta uma foto ou um desenho.

Como explica Christopher Norris, numa síntese que, para mim, é uma excelente leitura do que está em jogo neste livro de Derrida,

Um postal é realmente um “exílio errante” (*wandering exile*), uma mensagem quase sempre escrita de forma despreocupada (*casually*) e promiscuamente aberta de tal forma que todos a podem ler. Ao mesmo tempo é um escrito cujo sentido está apenas acessível a uma única pessoa (o presumível destinatário) que, pelo conhecimento que tem do remente, consegue decifrar o que, de outro modo, seria apenas uma mensagem cripticamente impossível (Norris: 186-187).

Claro que é possível investigar e responder à dúvida sobre quem é esse presumido destinatário de *La Carte Postale* ou, por outras palavras, quem será a *Sandra* de Jacques Derrida? Na extensa biografia realizada por Benoît Peeters, é avançada a hipótese de que, na origem deste conjunto de bilhetes-postais, estaria a relação extra-conjugal que Derrida manteve, durante alguns a partir de 1972, com a também filósofa Sylvianne Agacinsky (Peeters, 2000: 358, 363-365). Mas, tal como no caso das *Cartas* que Vergílio quis e não quis publicar, o que aqui se torna relevante é a decisão de Derrida avançar para a publicação da primeira das quatro partes que constituem o livro *La Carte Postale* sob o título “Envios”, classificando-os como “os restos de uma correspondência recentemente destruída” (Derrida, 1980: 7). Mais: ao selecionar esses restos para efeitos de publicação, Derrida, por um lado, interroga-se – ou encena uma interrogação? E o quais os verdadeiros limites que permitem distinguir uma e outra coisa? – sobre a escrita deste longo e fragmentário postal.

“O que gosto num postal é que, mesmo quando está dentro de um sobrescrito, é feito para circular como carta aberta mas ilegível” (*Ibidem*: 16). Leio, traduzo, desfaço. Impossível não ler e, ao mesmo, impossível decifrar o postal. Uma coisa tenho como certa. Joga-se aqui mais do que um mero jogo em que o filósofo se esconde nos restos de uma correspondência destruída. Por exemplo, os postais que estão na origem – mas em Derrida, como se sabe, a origem remete sempre para a impossibilidade da origem absoluta – desta estranha e críptica correspondência desempenham em *La Carte Postale* um papel decisivo.

Por que razão prefiro escrever em postais? Desde logo e sem dúvida, por causa do material: é mais duro, o cartão aguenta mais, conserva-se melhor, resiste às manipulações” (*Ibidem*: 26).

Por outro lado, esses postais que Derrida revela ter encontrado na Biblioteca Bodleiana da Universidade de Oxford, reproduzem uma imagem de *fortune-telling book*, isto é, de um livro de astrologia. Nessa imagem (ou seja, na face de um dos postais de cartão em que Derrida escreve os seus *envios*), podemos ver duas estranhas personagens. À direita, um homem sentado – dir-se-ia um escrivão medieval – escreve, tendo atrás de si um outro homem, em pé, embora mais pequeno, que, por sua vez, aponta com o dedo da mão esquerda, parecendo ditar o que é necessário escrever. Derrida chega a sugerir que o pequeno homem parece estar a subir para uma carruagem de comboio e a posição dos pés, o esquerdo parcialmente apoiado numa espécie de patamar mais elevado e o direito suspenso no ar, ajudam a pensar isso mesmo. Mas Derrida também avança a hipótese de o homem maior estar sentado numa cadeira de rodos que, não sem algum esforço, o mais pequeno procurar empurrar. Não menos estranha é a legenda da imagem, pois diz-nos que Platão é o pequeno homem que, em pé, parece ditar a Sócrates o que este deve escrever. Mas, ao mesmo tempo, parece empurrá-lo. Ou até vigiá-lo.

Da descoberta destes postais (e da sua compra em Oxford) parte Derrida para uma longa e interessantíssima reflexão acerca dos seus temas privilegiados: a escrita como envio e a sua destinação, por um lado; o modo como a tradição ocidental (ditada por Platão?) procurou sempre salvaguardar o pensamento e o discurso oral das contingências errantes dessa escrita. Ora, essa reflexão sobre a escrita encontra no envio dos postais uma magnífica metonímia. Como escreve Derrida noutra ocasião:

Nunca tudo ou nada, eis uma coisa simples que é preciso dizer do acesso ao texto. O sentido e o efeito nunca se produzem, nem se recusam, absolutamente; guardam sempre, à disposição de um potencial leitor, uma reserva que tem menos a ver com uma riqueza substancial do que com uma margem aleatória nos seus trajectos, com a impossibilidade de esgotar o seu contexto (Derrida, 1992: 187).

Não encontrei em *Conta-Corrente* ou em outros textos de Vergílio Ferreira qualquer notícia que mostre que tenha lido *La Carte Postale*, embora me pareça improvável que, pelo menos, não tenha lido ou ouvido qualquer referência a este livro, publicado em 1980, e no qual

um filósofo, a quem, desde muito cedo, atribuiu grande importância, se expõe de um modo, digamos, mais literário. Contudo, julgo poder afirmar que os últimos romances de Vergílio podem ser considerados como uma experiência próxima da desconstrução que, como se sabe, tem também uma dimensão profundamente afirmativa.

Considere-se a *acusação* que se faz a Vergílio de tantas vezes por se repetir sempre na escrita do mesmo livro⁷. Por exemplo, se escrever romances fosse apenas contar uma história de amor (“a história que de nós contei”), teria sem dúvida bastado escrever e publicar *Para Sempre*. E, no entanto, Sandra não desaparece quando o livro termina. Reaparece naquela tarde em Bordéus, adolescente entre os adolescentes, nas entrelinhas do discurso de um Vergílio que, a suar e de mangas arregaçadas, luta contra uma língua cujos espartilhos sempre o incomodaram. Reaparece, “suspensa no limite da vida pela escrita de algumas páginas admiráveis”, “a Sandra que existiu e deixou de existir, a Sandra que continuou a existir nas dobras dos seus textos”. Volta a aparecer em *Conta-Corrente* pela voz de uma leitora amiga (“Que antipática a Sandra!”). Ou nos intervalos que atrasam o diário (“Tenho estado estes dias todos com Sandra”). Como se o escritor precisasse da Sandra que existiu e deixou de existir para ele mesmo existir. Como se o *homem-problema* – que aproximara, desde o primeiro livro, Vergílio da questão existencial – se tivesse convertido, agora, no problema da escrita e

⁷ De acordo com a informação que colhi numa tabela preciosa que consta do estudo dedicado a “Vergílio Ferreira, o Náufrago da Página” de Isabel Cristina Rodrigues (Rodrigues: 126), é possível datar o início da redacção de *Para Sempre* do ano de 1975. Ora, num certo sentido, este livro é uma espécie de longa carta que Paulo, o narrador do livro, escreve a Sandra, sua mulher. Veja-se, a mero título de exemplo, o início do capítulo XXVIII: “Porque eu estou tão saudosos de ti. Ou não de ti, talvez, mas de um tempo em que tudo em ti se centralizava. Ou não do tempo mas de quanto foi a minha vida e eu procuro numa palavra que viesse desde então até mim e não encontro. Uma vida inteira, assisto ao seu remate, que palavra me sobrou. Que é que eu tenho comigo para enfrentar a morte? Que é que a morte vem matar?” (PS: 178). Por outro lado, o penúltimo romance que Vergílio publica em vida (*Em Nome da Terra* de 1990) pode ser lido também como uma espécie de longa carta que João escreve à sua falecida mulher, Mónica. Nesse romance que, admiravelmente, retoma muitos dos tópicos de *Para Sempre*, é possível ler mais do que um passo que apetece aproximar de trechos de *La Carta Postale* de Derrida. Por exemplo, o início do capítulo xv: “Meu amor – que amor? Não és tu. És, és. Não és. Na realidade não sei. Na realidade há o que existe, o que se diz um facto, o que se avalia ao quilo ou ao quilómetro. E há o que nos existe, aquilo que está por dentro ou nós por dentro disso – vou amar o teu corpo como nunca te amei. Um corpo é tão misterioso e o nosso mistério com ele. Tenho muita coisa a dizer-te, isso que espere. Porque eu amei o teu corpo de tanta maneira, não sei se contigo aconteceu também assim (ENT: 139).

do seu destino. Para quê escrever estas impossíveis cartas a Sandra se elas nem sequer poderão vir a ser rasgadas? Passarão alguma vez dos “restos de uma correspondência recentemente destruída”?

Cartas a Sandra, de Vergílio Ferreira, e *La Carte Postale*, de Jacques Derrida, têm, pelo menos, este ponto em comum. São “envios” com um destinatário bem preciso – real ou imaginário, essa é outra questão e se calhar não a mais importante – mas cujo destino se renova no momento de cada nova leitura. São, às vezes, textos de uma simplicidade quase adolescente: “Nenhum livro seu é tão adolescente como este”, escreverá, como vimos, Eduardo Prado Coelho na carta que Vergílio já não pôde ler. Mas, tal como sucede com o mais modesto dos postais, são livros enigmáticamente crípticos. Cartas abertas a todos os leitores, mas apenas legíveis para cada um deles.

Há já bastante tempo que não te escrevo. Mas não sei a razão. Porque a única que podia sê-lo era não te ter lembrado. Lembro-me sempre nos intervalos de pensar noutra coisa, mas o que era obrigação de pensar também me não me ocupou muito (CS: 109).

Referências Bibliográficas

De Vergílio Ferreira:

- (1976), *Espaço do Invisível II*, Lisboa, Arcádia.
- (1981), *Um Escritor Apresenta-se*, Lisboa, Imprensa Nacional–Casa da Moeda.
- (1983), *Para Sempre*, Venda Nova, Bertrand.
- (1990), *Em Nome da Terra*, Venda Nova, Bertrand.
- (1994), *Conta-Corrente Nova série – Volume III*, Venda Nova, Bertrand.
- (1994), *Conta-Corrente Nova série – Volume IV*, Venda Nova, Bertrand.
- (1996), *Cartas a Sandra*, Venda Nova, Bertrand,
- (2010), *Diário Inédito (1944-1949)*, Lisboa, Quetzal.

COELHO, Eduardo Prado, (1992). *Tudo o que não escrevi*, Porto, Asa.

COELHO, Eduardo Prado, (1997). *O Cálculo das Sombras*, Porto, Asa.

DERRIDA, Jacques, (1972). *Marges – De la philosophie*, Paris, Éditions de Minuit.

DERRIDA, Jacques, (1980). *La Carte Postale – De Socrate à Freud et au-delà*, Paris, Galilée.

DERRIDA, Jacques, (1992). *Points de suspension – Entretiens*, Paris, Galilée.

- LIMA, João Tiago, (2002). “Tradução e desconstrução a partir de *leituras* de Jacques Derrida”, AAVV (Org: Duarte, I.B.; Henriques, F.; Dias, I.M), *Heidegger, Linguagem e Tradução*, Lisboa, CFUL, 307-317.
- NORRIS, Christopher, (1987). *Derrida*, Londres, Fontana Press.
- PEETERS, Benoit, (2010). *Derrida*, Paris, Flammarion.
- PITTA, Eduardo, (2016). “Crítica a *1000 Frases de Vergílio Ferreira* – O sentido da obra”, Suplemento GPS de *Sábado*, n.º 51, 18/II/2016, 32.
- RODRIGUES, Isabel Cristina, (2007). “Vergílio Ferreira, o Náufrago da Página”, (AAVV), *Vergílio Ferreira no Cinquentenário de “Manhã Submersa”*, Lisboa, UCP, 111-144.